



CORPO NEGRO E PODER EM SOMBRAS DO TEMPO

BLACK BODIES AND POWER IN SOMBRAS DO TEMPO

Lara Satler

Universidade Federal de Goiás, Brasil
satlerlara@gmail.com;

Emilly Almeida

Universidade Federal de Goiás, Brasil
almeida.yx@gmail.com

Resumo

Analisamos o curta ficcional Sombras do Tempo, de Edson Ferreira (2012), sob uma perspectiva foucaultiana de corpo e poder, buscando diálogo com os debates sobre raça e cinema no Brasil. Assim, poder, neste texto, é resultado de relações sociais mediadas por processos históricos. Por sua vez, o corpo, parte mais concreta do indivíduo, é o local onde se materializam as práticas disciplinares. Temos o poder como algo intangível, que ultrapassa a relação de hierarquia entre povo e Estado. Não pode ser possuído, mas se insere nas diversas esferas sociais velado pelo micropoder. Sendo o racismo também estrutural e velado, no Brasil, temos no cinema nacional o reflexo e a perpetuação dos lugares destinados aos corpos negros. O curta Sombras do Tempo encontra-se no catálogo ficcional da plataforma Afroflix, tem duração de 15 minutos e imagens em preto e branco. Para investigação da obra, elegemos como metodologia a análise fílmica, que consiste na observação de uma obra no nível do plano, da montagem e do filme. Adiciona-se a essa a metodologia das molduras, que analisa a interface digital como produtora de sentido no conteúdo que abriga. Como método complementar é acrescentado a entrevista semi-estruturada realizada com o diretor Edson Ferreira.

Palavras-chave: corpo; cinema; raça; poder.

Abstract

We analyze the fictional short film Sombras do Tempo, of Edson Ferreira (2012), from a foucauldian perspective of body and power, searching dialogue with discussion about race and cinema in the Brazil. In Machado (1998) power, for Michel Foucault (1978) is a result of social relationships mediated by historical processes. The body, more concrete part of a individual, is the site where come true the disciplinary practices. In Foucault (1987) we have the power as intangible something, that exceeds the relation of hierarchy between people and State. The racism, being structural and subtle, we have in the national cinema reflection and perpetuation of sites intended for black bodies. Sombras do Tempo (Edson Ferreira, 2012) is found in the Afroflix fictional catalogue, lasts 15 minutes and your images are black and white. For investigation of work was selected processes of film analysis described by Jullier and Marie (2009). This consists in the observation of a work at the level of plan, assembly and the film. Is added the methodology of frames developed by Montañó (2012). To the author the frames that make up the digital interface produce meaning in content that house. As a complementary method is added to semi structured interview made with the director Edson Ferreira.

Keywords: body; cinema; race; power.

Introdução

Entre a pluralidade de discussões possíveis sobre a diversidade racial no Brasil temos nas representações audiovisuais um vasto campo de análise. O recorte realizado para esse artigo objetiva a reflexão acerca do negro no cinema brasileiro e, principalmente, sobre quem cria, produz e dirige esse conteúdo.

No que diz respeito ao recorte de cor e raça uma análise do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) brasileiro aponta¹ o distanciamento entre brancos e negros em setores sociais e econômicos (saúde, renda, educação e mortalidade.). Sendo a população negra a que apresenta os piores índices. Assim, é esperado que esse cenário se repita em outras esferas da sociedade como, por exemplo, as representações midiáticas. Entretanto, se o cinema permite falsear a realidade, criar universos ideais e mágicos através da ficção, por que pessoas negras são mostradas quase sempre em profissões subalternas, estereotipadas e raramente como protagonistas?

Moonlight (Barry Jenkins, 2017) e Pantera Negra (Ryan Coogler, 2018) são exemplos de filmes com a direção e um elenco majoritariamente negro bem recebidos pelo público e crítica. Nenhuma das duas obras tem a questão racial como foco principal mas, de certa maneira, modificam o modo como o negro é comumente apresentado no cinema: o negro está em primeiro plano e é o herói da trama.

Contudo, no cenário geral de produção cinematográfica nacional, equipes majoritariamente masculinas e brancas comandam a produção de conteúdo. O Grupo de Estudos Multidisciplinares em Ações Afirmativas (GEMAA), analisou 218 filmes de maior bilheteria produzidos entre 2002 e 2012 e identificou como homens brancos 84% dos diretores, além da ausência completa de mulheres negras nessa função.

Assim, este trabalho se coloca em meio aos debates sobre a democratização racial do cinema, dos espaços ocupados pelos corpos negros nas telas da sociedade brasileira contemporânea e da utilização das novas tecnologias como ferramentas alternativas de resistência. Objetiva-se discutir a relação entre o conteúdo produzido no cinema nacional e a falta de diversidade nas funções de destaque na criação de conteúdo para cinema (direção e roteiro) de filmes.

Para tanto, analisamos o curta ficcional Sombras do Tempo, de Edson Ferreira (2012), considerando sua presença na plataforma Afroflix sob uma perspectiva foucaultiana de corpo e poder, buscando diálogo com os debates sobre raça e cinema no Brasil. Em Machado (1998) poder, para Michel Foucault, é resultado de relações sociais mediadas por processos históricos. O corpo, parte mais concreta do indivíduo, é o local onde se materializam as práticas disciplinares. Em Foucault (1987) temos o poder como algo intangível, que ultrapassa a relação de hierarquia entre povo e Estado. Não pode ser possuído, mas se insere nas diversas esferas sociais pela sutileza do

¹ Relatório disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/relatorios-de-desenvolvimento-humano/rdhs-globais.html>> Acesso em: 15. ago.2018



micropoder. Sendo o racismo também estrutural e sutil, temos no cinema nacional o reflexo e a perpetuação dos lugares destinados aos corpos negros.

Para investigação da obra, seleciona-se a metodologia de análise fílmica descrita por Jullier e Marie (2009). Esta consiste na observação de uma obra no nível do plano, da montagem ou do filme. Entretanto, reconhecendo que tal metodologia não abarca a relação que o meio estabelece com a narrativa, ou seja, a *streaming* Afroflix com Sombras do tempo (IDEM), adiciona-se metodologia das molduras desenvolvida por La Cruz (2012). Para a autora, as molduras que compõe a interface digital produzem sentido no conteúdo que abriga. Como metodologia complementar é acrescentado a entrevista semi-estruturada realizada com o diretor Edson Ferreira. Por fim, argumenta-se que, mesmo um enredo que permite interpretações ambíguas como o de Sombras do Tempo (2012), ganha um caráter racial se inserido em uma *streaming* afirmativa.

Corpo e espaço no cinema

Discutir em quais espaços transitam o negro no cinema brasileiro, à luz de algumas obras de Michel Foucault (1987; 1998), pede reflexão sobre alguns termos utilizados pelo autor que se relacionam com as relações de poder e de espaço e corpo. Em Machado (1998), poder é resultado das interações sociais mediadas pelos processos históricos nos quais se encontram. E o corpo, parte mais concreta do homem, é o local onde o poder age para ser exercido ao nível social. No entanto, o poder não é algo tangível, que pode ser possuído ou domado por um indivíduo ou pelo Estado. É resultado das trocas e relações sociais e está presente no cotidiano das mais diversas formas. É no meio destas interações que “o corpo é um ente que sofre as ações das relações de poder e saber. Isso implica, portanto, que os processos de subjetivação só são possíveis através do corpo” (FURTADO; LIMA, 2016, p. 2).

Contudo, em Foucault (1987) temos um controle que se modifica e se molda de acordo com a qual se insere. Chegando ao domínio sobre os corpos sem que seja preciso tocá-los. “A eliminação pelo suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos degenerados” (Foucault, 1988, p. 81). Disciplina em detrimento de tortura permite simultaneamente, construir um corpo mais útil e mais dócil.

O espaço não só possibilita uma melhor vigilância, mas separa do restante da sociedade todos aqueles considerados indesejáveis, nas obras de Michel Foucault: o louco, o leproso, o criminoso. A determinação de anormalidade - do que precisa ser contido, escondido, consertado ou curado - implica também na definição dos normais. Aqueles que devem servir de exemplo e modelo. Claudio Mendes (2008), analisando as abordagens sobre o corpo no pensamento de Foucault e sobre o surgimento da normalidade diz que:

As políticas de normalização foram estruturadas para legitimar a posição de determinados grupos: indivíduos de sexo masculino, cor branca, heterossexuais e europeus. É interessante observar que os anormais eram aqueles que se aproximavam de figuras do tipo monstro [...].O corpo era fator central na “cura” dessas três figuras. (MENDES, 2008, p. 172).

É o corpo que observamos para discutir os espaços em que os negros estão presentes e ausentes no cinema. Não só a presença do ator negro, mas também da ausência de pretos e pardos nas equipes de produção dos filmes. No que diz respeito a Sombras do Tempo, Edson Ferreira, apesar de estar ligado aos debates raciais antes mesmo da profissionalização como cineasta, não teve a cor/raça como um critério de escolha do elenco e da equipe que produziu o curta, mas sim os profissionais com quem já havia trabalhado em outros momentos. Ele afirma que:

Agora, não só houve, mas ainda há uma dificuldade de você ter profissionais negros para trabalhar com você em projetos audiovisuais, né? [...] à medida em que você desce hierarquicamente numa escala de produção, então, você tem o diretor, assistente, diretor de fotografia, quando você chega lá no assistente de produção que vai carregar caixa, que vai limpar, que vai servir o cafezinho, aí você encontra. Mas se você for subindo [em grau de importância] você não vai encontrar. (FERREIRA, 2018, s/p)

Um levantamento feito pela Agência Nacional do Cinema em 2018 comprova a argumentação de Edson. A pesquisa, que considera um universo de 142 filmes produzidos em 2016 e 1326 pessoas consultadas, aponta para uma ausência completa de mulheres negras como diretoras e apenas 2,1% de homens negros². E o cenário é semelhante em relação aos roteiristas e aos profissionais (ou equipes) de produção.

Na amplitude das questões intrínsecas ao cenário de luta pela igualdade racial no Brasil, ainda que filmes produzidos por diretores negros não tenham como proposta discutir questões raciais ou que não apresentem personagens negros, estão inseridos em uma relação de representatividade: são corpos negros inseridos espaços predominantemente brancos. Um bom exemplo disso é o filme Amor Maldito (1984) dirigido por Adélia Sampaio. Trata-se de uma ficção sobre o relacionamento amoroso entre duas mulheres que acaba em uma trágica acusação falsa de homicídio. As personagens principais, Fernanda e Sueli, são interpretadas por duas mulheres brancas, assim como a maioria do elenco. No entanto, o filme representa um grande passo para a democratização racial do cinema: é o primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher negra no Brasil.

Com isso, retomando o conceito de poder como relação multilateral, na inconformidade com locais aos quais são destinados, manifesta-se a resistência:

² Pesquisa disponível em: <<https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/reaolhar/pdf/olhar5-6/rogerio.pdf>>. Acesso: 29 jul. 2018

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder [...] Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado. (FOUCAULT, 2008, p. 81)

Assim, o poder disciplinar que atua sobre os corpos a fim de condicioná-los têm como efeito colateral a consciência dada aos indivíduos sobre seus próprios corpos. Além de Adélia Sampaio, diversos atores e diretores negros de destaque no cinema nacional já se manifestaram politicamente sobre os espaços que ocupam no cinema, entre eles: Zózimo Bulbul, Jeferson De, Adélia Sampaio, Zezé Motta, Joel Zito e, da nova geração, Yasmin Tainá, idealizadora da plataforma Afroflix, sobre a qual trataremos mais tarde.

O corpo negro no filme

Sombras do Tempo é dirigido e roteirizado por Edson Rodrigues. Foi realizado com recursos de um edital da Secretaria de Cultura do Espírito Santo, tornando-se o primeiro trabalho do diretor com financiamento externo. Correu alguns festivais e mostras pelo Brasil em 2013 participou do Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa³, em Portugal e foi o único representante brasileiro do Mumbai Shorts International Film⁴ Festival, na Índia.

A obra conta com cinco atores em seu elenco principal. A trilha sonora é uma composição de Beto Dourah, feita exclusivamente para o filme. As locações principais são um casarão antigo no bairro Cidade Alta, a Praça 8 de Setembro e em um campo de areia, todos em Vitória, capital do Espírito Santo. Em preto e branco, sem diálogos e com uma cronologia não linear, o curta oferece um passeio por memórias, sonhos e devaneios de um homem em várias fases da vida. Segundo entrevista concedida pelo diretor, o curta trata dos passeios de um homem por suas memórias e seu passado.

O personagem interpretado por Ruyther Helmer, Yuri Vasconcellos e Markus Konká são versões de um mesmo homem em idades diferentes. A multiplicidade de atores em um mesmo papel, somado a estética da obra, permite uma multiplicidade de interpretações por parte do espectador. Contudo, se “até mesmo os diretores experimentais, cujos filmes não contam histórias, esperam que o público se conduza de determinada maneira” (JULLIER; MARIE, 2009, p. 68), temos em Sombras do Tempo uma forte presença dos anseios de Edson Ferreira. Se o filme trata de memórias, as memórias pessoais do diretor e roteirista é que dão o tom ao conceito criativo.

³ Disponível em: <http://festin-festival.com/>. Acesso: 16. ago. 2018

⁴ Disponível em: <http://miniboxoffice.com/>. Acesso: 16. ago. 2018

Na guia “O Projeto” do *blog*⁵ criado para divulgação da obra, o movimento surrealista é descrito como de grande influência na trama do curta. Como manifestação intelectual e artística, o surrealismo foi incorporado ao cinema trazendo para as telas a fuga da realidade e a valorização dos sonhos e da fantasia próprias do subconsciente humano. Questionado sobre a estética do filme, o diretor diz:

Eu quero explorar a imagem eu quero explorar os fluxos das imagens, seguir os atores, as percepções, que não estão na fala, no texto. E aí veio o Sombras, então as coisas foram se encaixando, sabe?! Encaixou o roteiro que eu tinha com esse passado. (FERREIRA, 2018, s/p)

O próprio Salvador Dalí, artista citado no *blog* como inspiração através do quadro “Persistence de la mémoire” de 1931, produziu o filme “Um Cão Andaluz” de 1928 em parceria com Luis Buñuel. “A obra nasceu de dois sonhos: Buñuel sonhou com uma nuvem cortando a lua e Dali sonhou com uma mão cheia de formigas” (FERRARAZ, 2000, p. 3). Assim, seguindo a proposta surrealista, Sombras do Tempo pode ser reflexo do inconsciente do diretor e de sua formação como cineasta.

O Sombras envolve a participação de duas pessoas negras: o diretor/roteirista e o ator Markus Konka. Assim, considerando que um filme seja construído, ao menos e em partes, pelo referencial do roteirista e diretor, é correto afirmar que o curta de Edson Ferreira, ainda que não tenha como objetivo discutir questões ligadas à raça ou racismo, trata de modo positivo a presença do corpo negro na trama? Ou se assemelha às problemáticas apontadas em outras obras por estudos sobre raça audiovisual no Brasil? Dentre estas temos por exemplo: Jerferson De (2005), que apresenta alguns de seus trabalhos e de personalidades negras e faz um breve apanhado da presença negra na história do cinema brasileiro; o livro do antropólogo João Carlos Rodrigues (2001), que discorre sobre alguns arquétipos encontrados da representação racial no cinema, problematizando a imagem negra estereotipada, nas telas; a pesquisa e documentário de Joel Zito (2000) que observa o negro nas telenovelas.

Buscando responder essa questão a análise da obra concentra-se na identificação de elementos em que contribuam para pensar de que modo o personagem de Markus Konka se manifesta como corpo negro em tela. Para isso, surgem duas hipóteses análíticas que se complementam: a) a relevância do personagem na trama e b) a apresentação estética positiva. Assim, cabe observar: o cenário, o figurino e acessórios, a narrativa e a representação.

Três atores interpretam um mesmo personagem em três idades diferentes e *casting* sugere despreocupação com possíveis variantes na interpretação da obra: além das diferentes tonalidades de pele dos protagonistas, não existe semelhança física notável entre

⁵ Sombras do tempo. O Projeto. Disponível em: <http://sombrasdotempo-filme.blogspot.com/p/o-projeto_08.html>. Acesso em: 26.jul.2018.

os três atores. “É uma obra absolutamente aberta, então, em nenhum momento eu queria que fosse algo literal” (FERREIRA, 2018, s/p).



Figura 1: Homem jovem na primeira cena. *Frame* de Sombras do Tempo (Edson Ferreira, 2012)

O rapaz, interpretado por Yuri Vasconcellos, é a versão jovem do protagonista e o primeiro em tela (figura 1). As paredes descuidadas do casarão não são apenas sinais do tempo, as folhas no chão do quarto e as janelas quebradas na sala anunciam que já estamos no subconsciente. Assim, o primeiro relógio a aparecer em cena anuncia um falso despertar, pois o jovem já se encontra em um devaneio. Enquanto o rapaz vive o que parece uma rotina matinal comum, o homem fuma um cigarro e verifica as horas em um relógio de pulso, parecendo esperar sua juventude sair de casa.

Outro ponto é a figura feminina na trama, que aparece em um quadro na parede (figura 2), caminhando na rua e na cena do beijo. As duas versões do protagonistas usam um aliança de casamento, no entanto, no quarto a cama é de solteiro e a casa também parece vazia. A melancolia apresentada pelo rapaz e o velho na primeira e na última sequência do curta sugerem saudosismo. Se é o homem velho quem está no presente, são dele as memórias e a saudade.



Figura 2: O velho observa a figura feminina. *Frame* de Sombras do Tempo (Edson Ferreira, 2012)

Além da importância narrativa, temos no personagem do velho alguns elementos que se distanciam das representações estereotipadas e sexualizadas do corpo negro: é esse

personagem quem apresenta maior cuidado estético e parece mais consciente sobre o que se passa. É ele quem se veste da melhor maneira (mais formal), quem transita de modo tranquilo e se distancia da loucura apresentada pelo jovem diante dos acontecimentos. Enquanto o rapaz vive em poucos minutos a descoberta da paixão, a experiência de morte e o encontro com seu passado e seu futuro, o velho observa tudo tranquilo.



Figura 3: homem velho e o menino de sua infância. *Frame* de Sombras do Tempo (Edson Ferreira, 2012)

O velho joga sozinho (figura 3) enquanto o rapaz procura interagir com o menino que joga bola no campo. A figura do velho jogando xadrez é também uma das fotos oficiais do filme. O jogo popularmente conhecido por exigir um raciocínio lógico e estratégico, capacidades ligadas à inteligência, nada tem de sorte, ganhar é uma consequência de escolhas. Outro fator observado é a ausência de uma cadeira na mesa para um segundo jogador, sugerindo que o velho independe do jovem para tomar as decisões (afinal, elas já foram feitas no passado).

Dentro de uma diegese complexa, própria do surrealismo proposto, o velho parece ter a capacidade de transitar entre os sonhos e lembranças. Discretamente se apresenta como a consciência em meio ao caos. Talvez pela maturidade. Se o filme trabalhasse com elementos de religiosidade, poderíamos sugerir que o personagem se encaixa na descrição de um dos arquétipos descritos em “O negro brasileiro e o cinema”: os pretos-velhos, caracterizados pela sabedoria, indulgência e dignidade (RODRIGUES, 2001, p.31).

Na primeira sequência, (de 00:11 à 03:34) temos uma série de ações: o despertador toca e o personagem jovem o desliga. Ele se levanta da cama, caminha até uma sala com uma grande janela ao fundo. Olha um retrato com sua fotografia e, em seguida, olha o retrato de uma moça jovem na parede (ele suspira). Escolhe uma roupa e se senta para tomar café, sozinho. Na última sequência (10:00 à 13:05), é o velho quem repete essas ações, mas em ordem inversa: ele chega em casa, toma o café e termina a série de ações caminhando até o quarto. É só na última sequência que vem a certeza de que os três personagens são a mesma pessoa e que o velho tem o hábito de transitar, viajar no tempo, no mínimo, através das lembranças.



Figura 4: Montagem de dois frames para efeito de movimentação de câmera, à esquerda o homem velho, à direita relógios da última cena. Sombras do Tempo (Edson Ferreira, 2012)

Por fim, ele coloca o relógio de bolso na parede e vai para a cama. Em câmera alta (Figura 4, à esquerda) sugere introspecção e reflexão da personagem. A câmera percorre o corpo do ator chegando até uma parede (Figura 4, à direita). Ao lado do modelo relógio de bolso, outros, de tipos variados, funcionam simultaneamente. Podem representar as tentativas de alterar o passado, ou os caminhos que foram escolhidos, que aparecem, mas não existiram, são devaneios. De qualquer modo, a taciturnidade do homem se justifica. As escolhas foram feitas e ele permanece só.

O filme na plataforma Afroflix

A Afroflix⁶ é uma plataforma de audiovisual que reúne séries, web séries, programas diversos, *vlogs* e clipes de diversas autorias e formatos via *streaming*, tecnologia que possibilita a transmissão de conteúdo multimídia de forma instantânea através da conexão à internet. Idealizada pela jovem cineasta Yasmin Thayná, a plataforma funciona de maneira gratuita e colaborativa conta com uma equipe, que a coordena, majoritariamente negra e feminina.

A plataforma tem um propósito claro: aumentar a visibilidade dos conteúdos produzidos e protagonizados por pessoas negras, oferecendo acesso gratuito e agrupando em um só lugar obras que estão espalhadas pela rede. A *home*⁷ tem uma particularidade, em relação ao padrão da maioria dos sites na disponíveis na *web*: não é preciso visitar uma guia separada para compreender do que se trata a proposta da plataforma, já na tela inicial temos um texto apresentando a proposta afirmativa. Esta apresentação é esperada, pois a existência da plataforma só se justifica pela finalidade racial a qual se dispõe e pela qual se difere das demais *streamings* de compartilhamento de conteúdo. “É por isso que *homes* e barras de navegação se transformam em espaços de significação importantes que dão sentidos a todas as páginas” (MONTAÑO, 2017, p. 10)

⁶ Disponível em: <<http://www.afroflix.com.br/>> Acesso: 20 jul. 2017

⁷ Disponível em: <<http://www.afroflix.com.br/>> Acesso em: 16 ago. 2018

A semelhança com a popular Netflix não é apenas nominal, a inspiração também alcança a proposta de existência: disponibilizar conteúdo audiovisual, principalmente, filmes. Mas existem algumas diferenças: a Afroflix não hospeda conteúdo, apenas reúne, exibindo-o através de links que podem direcionar para outras páginas, por exemplo. O acesso ao conteúdo da plataforma é gratuito e, para fazer parte do catálogo é preciso que o material tenha ao menos uma pessoa negra envolvida diretamente na produção, elenco ou equipe técnica.

A obra *Sombras do Tempo* (FERREIRA, 2012), analisada no item anterior, compõe a sessão ficcional⁸ do catálogo com mais quinze títulos de autorias diferentes. Inicialmente, o gênero de ficção foi escolhido como recorte para seleção da obra analisada por se aproximar com mais facilidade do público em geral, que poderia chegar até a plataforma não só buscando um referencial racial de representatividade, mas também para entretenimento. Sobre a ficção em *Branco Sai, Preto Fica* (Adirley Queirós, 2014), que esteve por um tempo em catálogo na já citada Netflix, Furtado e Lima (2016), comentam que “é o princípio da arte, onde o poder do falso, desdobrado e repetido, é elevado à sua máxima potência” (FURTADO; LIMA, 2016, p.7). O filme de Adirley Queiroz, apesar de misturar documentário e ficção, carrega elementos tipicamente populares: a máquina do tempo, linearidade narrativa, um agente secreto vindo de um futuro distópico.

Já na Afroflix predominam produções independentes, voltadas principalmente para circulação e exibição em festivais, como é o caso de *Sombras do Tempo* (2012). Apesar disso, e de estar disponível na *streaming Vimeo* e, por algum tempo, em circulação na TV Brasil é na Afroflix que a obra se impõe enquanto exceção à escassez de filme dirigidos e protagonizados por negros. E é enquanto corpo que ela chega até a plataforma, seja pela direção de Edson Ferreira ou pelo protagonismo de Markus Konká. Não tendo uma narrativa que aborda raça, é também enquanto corpo que a obra é exibida em um evento promovido pelo Damballa⁹, coletivo de cinema negro do Espírito Santo.

Para Montañó (2012; 2017), as plataformas e sites nos quais são inseridas mensagens (mais especificamente o audiovisual, pois o recorte de análise da autora é o *YouTube* e a *JustinTV*), são de observação indispensável para compreender a experiência de recepção da mensagem feita através dos mesmos. A autora sugere, então, uma metodologia de molduras que analisa a interface como meio. Neste sentido, a estrutura e *layout* não são neutros e se comunicam tanto quanto o conteúdo, assim “o modo como o meio quer ser percebido é percebido por nós como se fosse conteúdo desse meio” (MONTAÑO, 2017, p. 63).

⁸ Disponível em: <<http://www.afroflix.com.br/tipo/ficdoc/>> Acesso em: 16 ago. 2018

⁹ GELEDÉS. Damballa: um coletivo de cinema negro no Espírito Santo. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/damballa-um-coletivo-de-cinema-negro-no-espírito-santo/>> Acesso: 28 jul. 2018

Assistir ao curta *Sombras do Tempo* em festivais, mostras ou na Afrolix proporciona experiências diferentes. Através da plataforma, a mensagem central é o negro como diretor e como ator. A presença de um corpo negro em determinado espaço. Assim, justifica-se o diálogo com Foucault (1987; 1998) para compreender a prática de resistir politicamente através do corpo.

Conclusão

De maneira geral, concluímos que a presença do corpo negro no cinema brasileiro não se distancia da realidade apresentada em outras esferas da sociedade, entretanto, as particularidades do racismo à brasileira são mais facilmente perceptíveis através das narrativas audiovisuais.

A plataforma colabora com a democratização racial do cinema brasileiro a partir do momento em que identifica a falta de diversidade e se propõe a atender uma demanda social, que em sua essência é papel do Estado: promover a igualdade entre a toda a população, inclusive, no cinema, entretenimento, arte e cultura. Como meio, discute raça através da exigência do corpo negro nas obras que compõem seu catálogo.

Na Afrolix, o corpo não é pensado de modo puramente estético, das exterioridades que envolvem o ser negro através dos fenótipos. Mas, reconhecendo que são estas características que definem o alvo do racismo no Brasil, o corpo é visto sob uma perspectiva política de ocupação de espaços (físicos e subjetivos). São nos corpos também onde se faz perceptível que o poder é algo intangível e fruto de interações nos mais diversos embates das relações cotidianas.

A interface, por sua vez, é essencial para um novo sentido do conteúdo que está *linkado* em seu domínio e a *streaming* se afirma enquanto ação política a partir disso. A Afrolix oferece visibilidade às produções, serve de referência para uma visão descolonizada do cinema nacional, sugere alternativas de produção e distribuição cinematográfica e torna os desafios enfrentados por cineastas, atores, produtores e diretores negros por todo Brasil um problema que se debate no coletivo.

Este trabalho objetivou se somar aos diversos estudos de raça e audiovisual, longe de esgotar a multiplicidade de caminhos possíveis para se discutir a democratização racial do cinema, o papel das novas tecnologias ou mesmo os debates sobre raça guiados por uma perspectiva foucaultiana de corpo. A discussão pretendeu evidenciar a necessidade de mais contribuições acadêmica sobre o tema. Ressaltamos que, assim como no cinema, é importante um avanço nos debates científicos sobre presenças e ausências negra na sociedade e nas mídias, bem como o estudo das novas estratégias coletivas, independentes e populares que vêm sendo fortalecidas e renovadas com o advento da internet.

Referências

- ANCINE - **Informe de Diversidade de Gênero e Raça nos lançamentos brasileiros**. Rio de Janeiro: 2018, Disponível em: <<https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/reaolhar/pdf/olhar5-6/rogerio.pdf>> Acesso: 29 jul. 2018.
- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 2000, 323 p.
- BLACK PANTHER**. Dir. Ryan Coogler. Estados Unidos: Marvel Studios. Walt Disney Studios Motion Pictures. 2018. 134 min: son., color. Film.
- FERRARAZ, Rogério. As marcas surrealistas no cinema de David Lynch. **Revista Olhar**. Santa Catarina: ANO 03 . N 5-6 . JAN-DEZ/01. Disponível em: <www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/rogerio.pdf> Acesso: 29 jul. 2018
- FERREIRA, Edson. **Entrevista concedida à Emilly Almeida e Lara Satler**. Goiânia, 25 mai. 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. e org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 295 p.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 1987, 288 p.
- FURTADO, Beatriz e LIMA, Érico. Corpo, destruição e potência em Branco sai, preto fica. **Revista USP**. São Paulo: 2016, p. 133-147. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11.606/h/article/download/17993/1694>> Acesso: 29 jul. 2018
- GELEDÉS. **Damballa: um coletivo de cinema negro no Espírito Santo**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/damballa-um-coletivo-de-cinema-negro-no-espírito-santo/>> Acesso: 28 jul. 2018
- CANDIDO, M. R.; CAMPOS, L. A.; FERES JUNIOR, J. A cara do cinema nacional: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012). **Textos para Discussão GEMAA**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-25, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/tkZLvc>>. Acesso em: 16 ago. 2018.
- MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. vii-xxiii
- MENDES, Cláudio Lúcio. Corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, Abril de 2006.
- MONTAÑO, Sonia. “A construção do usuário na cultura audiovisual do YouTube.” **Rev Famecos**. Porto Alegre, v. 24, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2017.
- _____. **Plataformas de vídeo: apontamentos para uma ecologia do audiovisual de web na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012, p. 60-136
- MOONLIGHT**. Dir. Barry Jenkins. Estados Unidos. A24. Diamond Films. 2016; 111 min: son., color.. Film.
- SOMBRAS DO TEMPO**. Dir. Edson Ferreira. Brasil: Patuléia Filmes. 15 min: mudo, p&b. Film. Disponível em: <<https://vimeo.com/54210641>> Acesso em: 29 jul. 2018
- RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011, 240 p.

UM CÃO ANDALUZ. Dir.: Luis Buñuel; Salvador Dalí. França: Les Grands Films Classiques. 1929. 7 min: mudo, p&b. Film.

Minicurrículos

Lara Lima Satler

Pós-doutorado em Estudos Culturais (PACC/ UFRJ). Doutorado em Arte e Cultura Visual (PPGACV/ FAV / UFG). Professora-pesquisadora na Universidade Federal de Goiás (UFG), na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais. É membro do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI / PRPG-UFG / CNPq). E-mail: satlerlara@gmail.com.

Emilly César Almeida

Graduanda do curso Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, na Universidade Federal de Goiás. É pesquisadora voluntária do programa de iniciação científica da UFG. E-mail: almeida.yx@gmail.com.